

Á  
SANTÍSSIMA VIRGEM  
**MARIA**  
NOSSA SENHORA,  
MÃI DE DEOS, E DOS PECCADORES,  
VIVO ERARIO  
DAS RIQUEZAS DO ALTISSIMO,  
EM QUE DEPOSITOU O TODO PODEROSO  
OS THESOUROS  
DA SABEDORIA, E DO PODER;  
NO SEU ADMIRAVEL TITULO  
**DA PIEDADE,**  
PROTECTORA, E MADRINHA  
MISERICORDIOSA.

O.

FRANCISCO DE PAULA PEREIRA DA MOTTA E SILVA MARECOS.

L.  
3206//7A

COLEÇÃO  
MARIANA  
SANTÍSSIMA VIRGEM  
MARIANA  
NOSSA SENHORA,  
MÃE DE DEUS, E DOS PECADORES,  
FIM DE ARRIÓ  
DAS RIQUEZAS DO AETÍSSIMO,  
EM QUE DEPOSITOU O TODO PODEROSO  
OS TRISÓDOS  
DA SABEDORIA, E DO PODER;  
NO REI ADMIRAVEL TITULO  
DA PIÉDADE  
PROTECTORA, E MADRINHA  
MISERICORDIOSA

PRINTED BY ...



Elocução. Memoria, e Pronunção mais se podem dizer prendas do Rhetorico, que partes de Rhetorica.

§. II.

**P**Or Invenção entende-se o descobrimento dos meios, com que se póde conseguir o que se intenta, quando se falla: nesta parte de Rhetorica entra mais a natureza, do que a arte; mas sempre são necessarios preceitos para dirigir, e escolher entre o que apresenta a fecundidade natural, em que deve ter preferencia o que for mais conducente para *instruir*, *deleitar*, e *mover*. Consegue-se o intento pelos movimentos, ou affectos; facilita-se pelo deleite; mostra-se pela instrucção: esta faz a persuasão com os argumentos, que são as provas da verdade, ou do verosímil, que se pertende persuadir. Tirão-se os argumentos de huns certos lugares, que são como públicos depositos da razão, e da verdade. Dividem-se estes lugares em communs, e especiaes: ou são proprios das cousas, que se tratão, a que chamão *intrinsecos*; ou alheios, e totalmente *externos*, chamão-lhes *extrinsecos*. Na Invenção dos intrinsecos entra tal, ou qual artificio, por isso lhes dão o nome de *artificiaes*, que negão aos extrinsecos.

§. III.

**V**Ulgarmente se contão os lugares dos argumentos intrinsecos: *Definição*, *Etymologia*, *Numeração de partes*, *Conjugados*, *Genero*, *Especie*, *Causas*, *Effeitos*, *Semelhança*, *Dissemelhança*, *Contrarios*, *Repugnantes*, *Antecedentes*, *Adjuntos*, *Consequentes*, *Comparação*. Daremos exemplos de todos estes modos de argumentos, da sorte que os usárão os grandes Mestres desta Arte; porém não podemos diffimular, que he desnecessaria em grande parte esta série de lugares rhetoricos, e que bastaria o bom senso de qualquer homem, por menos instruido que elle seja, para descobrir as razões, que provão o seu intento: temos abonados fiadores desta Conclusão. Por tanto a razão natural, o sentido commum, o uso de tratar o Mundo, a lição, e a reflexão, eis-aqui o thesouro mais opulento de todas as provas.

§. IV.

**E**Xplicaremos, e mostraremos nos Authores Classicos os lugares extrinsecos, que ordinariamente se expõem nas Escolas; a saber, Authoridade, e Exemplo: a Authoridade dos testemunhos, ou Divinos, ou Humanos, e nestes comprehendemos, Fama, Rumor, Proverbios, Sentenças, e Adagios. Diremos de que modo se póde provar com exemplos. Além destes lugares, que são communs a todo o genero de causas, contão-se tambem outros especiaes, pertencentes a cada hum dos ditos Generos; de sorte, que o Demonstrativo tem por seu proprio lugar o *honesto*, e o *torpe*; donde se tirão as provas, que lhe são convenientes; e podem-se-lhe ajuntar o util, e o nocivo; o agradável, e o molesto; o necessario, e o superfluo: finalmente tudo o que póde fazer huma cousa louvavel, ou vituperavel, que he todo o empenho deste Genero. Diremos como são objecto do louvor, ou do vituperio as PESSOAS, as Acções, e as Cousas. Como as PESSOAS se fazem louvaveis pelos seus Ascendentes; pela Patria; pelo engenho; pelos dotes da alma, e corpo, &c.

O genero Deliberativo, que todo se occupa em persuadir que se faça, ou que deixe de se fazer alguma cousa, tem o seu proprio lugar na *utili-*  
*da-*

dade, e no *damno* ; podendo-se-lhe ajuntar o *honesto* , e o *torpe* ; o *facil* , e o *difficiltofo* ; o *agradavel* , e o *molesto* ; tudo o que póde interessar, ou desviar os animos. O Genero Judicial, que he aquelle , que no Tribunal pertende inclinar a Justiça a favor, ou contra o Réo, tem varios lugares, segundo a variedade dos estados. Esta he a constituição da Causa ; a questão, ou o assumpto, a que se refere toda a Oração : exporemos a quem perguntar, quantos são os Estados ; quaes as suas circumstancias ; que lugares intrinsecos tem ; e com que subdivisões se multiplicão. Tem tambem este Genero Judicial seus lugares extrinsecos, sobre os quaes, da sua utilidade, ou inutilidade, daremos o nosso parecer.

§. V.

CHamão os Rhetoricos argumentação aquelle uso do argumento, que applica, e maneja a prova, ou razão, com que se pertende persuadir ; dividem com os Logicos a argumentação em *sylogismo* , *enthymema* , *dilemma* , *epichirema* , *inducção* , e *paridade* : explicaremos estas especies de argumentação, e diremos as principaes Leis, em que se estabelecem, para com ellas se provar legitimamente ; contentando-nos por ora com dizer, que o melhor modo de argumentar, he mostrar que huma verdade conhecida tem conexão com o que se pertende descobrir ; pois conhecida a união de huma cousa com a outra, basta que huma se veja, para que a outra se infira, sem que sejam precisos outros instrumentos para este artificio, mais do que a luz natural costumada a discorrer : com tudo daremos exemplos Clasicos de todas as especies de argumentação, a quem os quizer.

§. VI.

PARa persuadir não bastão as razões ; são necessarios tambem aquelles meios, a que os Rhetoricos chamão *ἠθος* e *πάθος* isto he, o bom conceito, e os affectos : deve pois o Orador mostrar probidade, e sciencia, para que facilmente se conheça, que nem engana como malevolo, nem está enganado como ignorante : na recommendação que o Orador faz de si entra a que deve fazer da Pessoa por quem advoga, e que com elle fazem huma só figura, se a Oração for desse genero ; mas seria summamente perniciosa qualquer affectação, ou artificio, com que o Orador aspirasse a inculcar a sua Virtude, ou a sua Sciencia ; huma cousa destas o mostraria hypocrita abominavel ; a outra charlatão indigno de ser attendido : tenham-se pois as boas qualidades do coração, e do espirito, e ellas apparecerão, sem que se procure a sua apparencia.

§. VII.

OS affectos, com que se excitão os animos dos Ouvintes, são os que conseguem o triunfo dos Oradores ; de sorte, que as provas mostrão a verdade ; e os affectos a fazem abraçar : não são outra cousa os affectos rhetoricos, senão as expressões vehementes de alguma paixão, com que o Orador se mostra abalado, e commovido. Para chegar pois ao ponto de mover os Ouvintes, he necessario 1.º Que o Orador se mova primeiro a si mesmo, e conceba os sentimentos, que quer introduzir. 2.º Deve accommodar-se ás Pessoas, que quer pôr em movimento, tocando-as pela parte, em que he mais sensivel a sua inclinação. 3.º Proporcionar-se ás cousas, de que ha de tratar. 4.º Usar de hum estilo, que não desdiga da paixão que se intenta. Tudo isto tem particulares preceitos, e advertencias, que declararemos.

§. VIII.

Segue-se depois da Invenção a Disposição, que he a ordem, que devem ter as cousas inventadas, ou descubertas. Occupa-se esta parte de Rhetorica, assim na boa ordem, e proporção que devem ter os membros principaes de qualquer Oração, como na que he precisa aos menos principaes: os primeiros são, Exordio, Narração, Confirmação, e Peroração. Exordio he a introdução da Causa, e primeira parte da Oração, que tem dous fins: Declarar o que se quer dizer, porque os Ouvintes naturalmente desejão saber em que os querem occupar: E preparar os animos, para que se ponhão benevolos, attentos, e dóceis. Exporemos com exemplos Classicos os tres generos de Exordios, que vulgarmente se tratão nas Escolas: Como se consegue a *benevolencia* pelas Pessoas, e pelas Cousas: Que Pessoas podem entrar nos motivos de conseguir a benevolencia: E como se hão de tratar as Cousas, para que por ellas se ponhão os Ouvintes benevolos.

§. IX.

Atenção dos Ouvintes consegue-se pela petição, e pela promessa: o que explicaremos á luz do que praticarão os Antigos. A docilidade, que no sentido dos Rhetoricos he o que faz perceptivel a Oração, alcança-se por huma clara proposição, que ou he sejunta, ou simples, ou digesta: tudo declararemos mostrado nos bons Mestres: assim como, que Exordios se devem preferir em cada genero de Causas. Os Vicios principaes, de que se deve acautelar o Orador nos Exordios, são 1.º A diffusão, e extensão; porque he monstruoso o discurso, que tem huma introdução disproporcionada; deve ser como a cabeça a respeito do corpo. 2.º A separação; porque se o que se diz no Exordio não tem connexão com o resto do discurso, fica deslocada a Oração; deve comunicar com ella o Exordio, não menos do que a entrada de hum edificio, comunica com elle. 3.º A inchação, e arrogancia; he necessario que o Orador, quando principia a fallar, se mostre submisso, para agradar aos Ouvintes, e fuja de demaziado artificio, que seria o mesmo que querer pôr á porta de huma casa os enfeites, que são proprios para o interior dos Palacios. 4.º A vulgaridade, que he ou quando o mesmo Exordio pôde accommodar-se a outras Causas, ou quando não tem particular propriedade com o assumpto da Oração; mas só huma vaga introdução, que poderia dizer quem intentasse persuadir o contrario do que pretende estabelecer a Oração. Do mais que deve evitar o Exordio diremos perguntados.

§. X.

Narração Oratoria he a exposição do facto, feita de forte que sirva ao particular intento do Orador: donde bem se infere quanto ella se distingue da narração historica, pois que nesta deve o Historiador despir-se de todo o fim particular, paixão, ou interesse. Ha duas fortes de narração Oratoria, a saber, *continua*, e *intercisa*. Diremos em que circunstancias deve preferir huma, ou a outra. Tem a narração tres Virtudes, com que deve ser ornada, *claridade*, *brevidade*, e *probabilidade*: exporemos o meio, em que devem consistir estas Virtudes; e quando se pôde o Orador dispensar em qualquer dos generos, *Demonstrativo*, *Deliberativo*, e *Judicial*: os vicios, que pôde ter a narração, são, confusão, escuridade, diffusão, e improbabilidade, com que fique incrivel, ou com pouca naturalidade, o que se con-

conta. Costumão muitos ajuntar a esta parte da Oração a *egressão*, que he huma especie de difracção, como se fosse epifodio, em que o Orador parece desviar-se do seu assumpto, quando na verdade para elle se encaminha, ou tratando de algum lugar commum, ou detendo-se nas circumstancias, que a final vem servir á sua Cauza: resumiremos o que della nos ensina Quintiliano.

§. XI.

**C**onfirmação he a parte da Oração, que contém as próvas, em cujo nome se comprehende a Confutação; pois bem provão o que se diz, as razões que desfazem, o que lhe contradiz: em tudo isto deve entrar muitas vezes a amplificação, outras a extenuação. Como isto se consiga pelas palavras, e pelas cousas, diremos sendo perguntados; como tambem, que provas tem o primeiro lugar, quaes o ultimo, e quaes o meio do discurso; assentando que o argumento mais fundado na razão ordinariamente deve preferir aos outros: o mais efficaz, e proporcionado para mover affectos, tem de ordinario o ultimo lugar, como mais vizinho á peroração: os argumentos de menos força convem que se unão, e que se colloquem ao amparo dos mais vigorosos no meio do discurso: diremos as reflexões de que necessita esta economia.

§. XII.

**P**eroração, ou Epilogo he a ultima parte da Oração, em que se resumem as razões principaes, que podem persuadir, e se avivão os affectos com o ultimo esforço para concluir a causa. Daqui vem que o lugar mais proprio para os affectos he a peroração; de forte, que no Exordio prepara-se o campo para elles se semearem: na narração ajuntão-se os monumentos, que como sementes os hão de produzir: espalhão-se na Confirmação, e no Epilogo se colhem os seus frutos. Ainda que he precisa ordem nestas partes maiores, segundo a série, com que as expuzemos, muitas vezes se altera esta deducção dos membros da Oração; porque a Oração segue a Cauza; e não pelo contrario: donde vem, que a oportunidade, e o interesse da Cauza, nas circumstancias, em que ella se propõe, he a regra do artificio Oratorio, que não tem excepções; doutrina, que sempre se deve ter diante dos olhos, primeiro do que todas as regras da Rhetorica.

§. XIII.

**E**locução, a parte da Rhetorica, que deve maiores cuidados aos que exercitão esta Arte, consiste naquelle ornato de palavras, e de sentenças, que convem ás cousas que se dizem: tem quatro attributos, que a aperfeiçoão, a saber, *elegancia*, *composição*, *dignidade*, e *decoro*. A elegancia está em que as cousas se digão clara, e puramente. Diz-se puramente, o que se exprime sem palavras antiquadas, estrangeiras, raras, novas, e baixas, ou indecentes. São proprias da pureza, entre as palavras velhas as mais novas; entre as novas as mais velhas, sendo precisas humas, ou outras: diremos em que circumstancia sería elegancia apartar desta regra, e usar de palavras ou já desusadas, ou muito novas, ou totalmente estranhas. Diz-se claramente o que se profere por palavras usuaes, e proprias, fugindo de tudo o que escurece a Oração, com expressões, ou demaziadamente Curtas, e Laconicas; ou Asiaticas com excesso, e profusão, ambologias, equivocos, e tudo o mais que faz confuso o sentido do que se diz. Inference-se disto que a propriedade dos termos, e a clareza são pre-

cei-

ceitos muito graves na eloquencia. A Composição, ou Collocação de palavras pede tres cousas, *ordem*, *junctura*, e *número*: requer a boa ordem que depois de huma palavra mais expressiva não se use de outra, que signifique menos; e que se disponhão as expressões de modo, que venha a ser a ultima aquella, que se intenta mais vivamente considerada, o que faremos ver nos bons Authores. He preciso para a boa junctura das palavras, que as letras não embarcem a pronunciação; e quanto puder ser, que o som das palavras tenha conformidade com as cousas. Exporemos em que consiste o número Oratorio; que cousa seja periodo; de que membros póde constar; de que modo convem mais, &c. A dignidade constitue-se pela qualidade do Ornato, o qual se consegue pelo estylo, composto de figuras, e animado com sentenças.

§. XIV.

**N**ão ha passo, em que tanto torpecem os que tem o officio de fallar, como no ornato, com que querem vestir as cousas que dizem; como se as suas Orações não parecessem bem, senão quando a affectação as touca, e carrega de enfeites indignos de quem estima a gravidade. Para fugir deste vicio, que he affás contagioso, he necessaria grande parcimonia no uso das figuras, as quaes, assim como tempéramo, e adoção a Oração, estando no seu ponto, assim a fazem fastidiosa, quando não são applicadas com sobriedade, e moderação. He pois figura rhetorica aquelle modo de expressão, que explica o que se diz com huma certa força, ou graça especial: as figuras ou são de palavras, ou de sentenças: ou distrahem as palavras da sua propria significação, e chamão-se *tropos*; ou deixão as palavras na sua significação natural, e se chamão propriamente *figuras*. Exporemos humas, e outras; daremos exemplos Classicos; assignaremos as Leis particulares, por que se devem governar os Rhetoricos no uso assim de *tropos*, como de figuras; assim de palavras, como de sentenças; e finalmente forcejaremos por satisfazer ao que nesta materia se nos propuzer.

§. XV.

**M**as nada tem a Eloquencia tão digno de circumspecção, como he o *decóro*, que he a qualidade que mais une a Arte á natureza, e que a faz seguir de perto todos os seus passos. Consiste pois o decóro em que as expressões se conformem ás cousas que se dizem, e ás circumstancias, em que se dizem: que representem o humilde com tenuidade; o que he sublime com grandeza; e o que he mediano com temperança: que conserve ás Pessoas o caracter que lhes pertence: que não ponha na boca de hum Heroe expressões frouxas; nem valentias na de hum pusillanime: que não pinte hum rustico fallando como o Cortezão; nem o ignorante discorrendo como sabio; que em fim as palavras tenham a mais estreita alliança com as cousas. Não se desempenha bem o decóro, se senão sabe a diversidade dos estylos, que convem ás materias, Pessoas, e circumstancias. Distinguem-se os estylos pelas palavras, e pelos pensamentos; mas estes são verdadeiramente o espirito, que os alenta: Ou o estylo he tenue, e singelo; ou grande, e com sublimidade; ou temperado de ambos os extremos, de modo que humas vezes se levante, outras se abata: já se amplifica, e dilata nas cousas, que o pedem; e já se encerra, e estreita segundo a materia. Daremos exemplos destes diferentes estylos: exporemos o pensamen-

to heroico , que vulgarmente se chama sublime : mostraremos a differença que ha entre o brilhante, e o sublime , conforme a doutrina de Longino.

§. XVI.

**P**Or ultimo , e talvez o mais importante preceito de Rhetorica , dizemos que he necessario saber os preceitos da Arte ; mas não he menos preciso não olhar para elles , quando se ha de fallar : de modo , que se ouça o Rhetorico , e não se perceba a Rhetorica : então se desempenha melhor esta grande Arte , quando ella mesma faz que não appareção vestigios das suas regras. Faria menos mal á eloquencia algum descuido , ou falta , do que hum sensivel cuidado em observar o que ella prescreve : muito mais damno faz , quando se falla , o muito , do que o pouco ; e não he tão nocivo dizer menos , do que sería necessario , do que com demazia. Querer mostrar engenho , ostentar huma esteril abundancia de adornos , de pensamentos , e sentenças , que serve mais para o Orador se mostrar a si , do que para mostrar a sua causa , he perniciosa vaidade , e hum como luxo de eloquencia , com que o Orador faz visivel a sua pobreza ; da mesma sorte que a ostentação das riquezas faz ver que quem a pratica ou já he pobre , ou cedo vem a empobrecer-se. He pois necessario que fujão os Oradores deste contagioso vicio , que corrompeo Roma , e fez degenerar a sua eloquencia em tempos antigos , e em seculos mais vizinhos tem continuado em fazer estragos lamentaveis. Por tanto he muito preciso ler , familiarizar , e imitar os bons Authores ; acostumar o animo a sentimentos sãos , e sólidos : compôr o gosto ao exemplo da aurea antiguidade ; e fugir daquelles espiritos , em cujo paladar só tem fabor as agudezas.

DEMONSTRAÇÃO.

**P**roporemos Cicero como modêlo de eloquencia , mostrando especialmente as grandes virtudes , com que elle desempenha o Officio de Orador , assim no agradecimento , que faz a Cesar pelo perdão de Marcello , como no panegyrico de Pompeu , quando defende a Lei Manilia , nas graças , que dá ao Povo Romano , quando he restituído seu desterro ; na defesa de seu Mestre Archia Poeta ; quando advoga por Ligario ; por Dejotaro ; por Roscio Amerino ; por Murena ; e quando se enfurece em zelo nas quatro Catilinas. Analyzaremos as Orações , e pinturas de Salustio , que se achão nas Guerras de Catilina , e de Jugurta. Mostraremos em alguns discursos de Tito Livio , que introduz na sua Historia , a admiravel Arte de esconder a Arte , e fallar sómente pela lingua da natureza.

# SEGUNDA PARTE.

## *Da Poetica.*

### §. I.

**H**E a Poetica a *Arte*, que ensina as regras da *Poesia*. A *Poesia* he *Imitação da natureza feita em expressões racionais, e numerosas*. Não queremos averiguar se he necessario que esta imitação seja em Verso; ou se basta para ser *Poesia*, que tenha as graças, de que usão os Poetas, ainda que careça de hum número tão regular, como prescreve a *Arte Versificatoria*; porém esta agora não nos deve cuidado, e limitamos toda a *Arte* de que tratamos a huns certos preceitos para representar ao natural delicada, e engraçadamente qualquer objecto, segundo nos ensina o grande Horacio na *Carta* vulgarmente chamada *Arte Poetica*.

### §. II.

**O**S preceitos de *Poetica*, que nos dá Horacio, se dividem em tres especies; a saber, os que pertencem ao mesmo Poeta; os que convem á materia de que se ha de occupar; e os que pertencem á *Obra*, que haja de fazer a sua occupação. Pelo que pertence á *Pessoa* do mesmo Poeta, he preciso em primeiro lugar que elle tenha natureza, e que tenha *Arte*; que tenha veia fecunda, e preceitos para saber regulalla: tem necessidade de se saber conter, e reprimir, para não ser precipitado; e além disto he-lhe muito conveniente que tenha amigos sinceros, que saibão, e queirão aconselhalla, sem receio, nem lisonja, nem compaixão. Deve ser homem de bom senso, e cheio de doutrina sã, tirada da verdadeira *Filosofia*, que ensina a conhecer as cousas como ellas são, e como devem ser. Os officios da humanidade, e as obrigações do homem em todos os estados, que elle se confidere, devem de ser a sua ordinaria doutrina. Deve tambem o Poeta aspirar á gloria, e ter espiritos de grandeza: saber proporcionar-se ás materias de que trata, de forte que se accomode ás cousas, e falle pela sua lingua; que conceba em si os sentimentos que quer exprimir; e que em fim possa copiar na sua imaginação, com côres bem vivas, e ajustadas ás cousas, tudo o que houver de ser objecto do seu trabalho.

### §. III.

**O**S preceitos, que pertencem á materia da *Poesia*, reduzem-se a que o Poeta, depois de tomar bem as medidas ao seu talento, péze fielmente a materia que quer tratar, para se não metter em empreza maior do que as suas forças: que escolha as façanhas heroicas para as *Epopcias*; as tristes para as *Elegias* (posto que já hoje tem tambem nellas o seu lugar as cousas alegres): que guarde para a *Poesia Lirica* os *Canticos dos Deoses*, dos *Heroes*, dos *Vencedores*; os jógos, os divertimentos, e tudo o que póde arrebatrar o animo: que as acções, e enredos de *Pessoas ordinarias*, em que não entra empreza illustre, devem ir para a *Comedia*; as grandes pelas *Pessoas*, e pelos desastres, que pela maior parte vem a ter hum exito desgraçado, he materia propria da *Tragedia*: que a *satyra* de

ve

ve ser de cousas sabidas, e públicas, que necessitão de correcção: de tudo o mais que pertence á materia da Poesia, e dos diversos generos de Poemas, em que ella se emprega, diremos, sendo perguntados.

§. IV.

**P**Elo que pertence á obra do Poeta, a principal regra, que a deve dirigir, he a unidade, e a simplicidade: huma boa, e agradavel ordem, de forte que humas cousas vão como enlaçadas, e prezas ás outras: Se no Poema Epico he preciso seguir a ordem natural, ou invertella, como recommenda Horacio, não nos atrevemos a decidir, não obstante a sua Authoridade. A verosemelhança he muito recommendada entre as regras da Poesia; pelo que sempre na expressão das Pessoas, e das cousas se deve buscar a coherencia, e o conceito público, em que estão as mesmas cousas, ou Pessoas. Não basta ao Poeta ser brilhante, he necessaria solidez nos seus pensamentos, e doçura nas expressões, de modo que facilmente tóque, e mova o coração. He obrigado o Poeta a levantar humas vezes o voo, outras a abatello, conforme as cousas o pedirem. A gravidade he preceito inviolavel ao Poeta: o decóro não he menos preciso á Poesia, do que á eloquencia solta. Finalmente da fabrica dos Poemas; do estilo, com que cada hum no seu genero deve ser ornado; das partes de quantidade, e qualidade que devem ter, e do mais, em que formos perguntados neste particular, responderemos segundo as luzes que nos dá Horacio, e os Poetas Classicos, que nos servem de guia.

DEMONSTRAÇÃO.

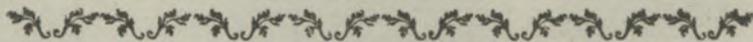
**E**Xporemos os doze Livros da Eneida de Virgilio; e mostraremos nelle as partes do Poema Epico.

Faremos nosso juizo sobre a Luziada de Camões; sobre a Malaca Conquistada de Sá de Menezes; e sobre a Ulyssca de Castro, confrontados com o Principe da Epopeia Latina.

Mostraremos os preceitos da Tragedia, ou violados, ou observados no Hippolyto, e na Medeia de Seneca; na Athalia de Racine, e na Castro de Antonio Ferreira.

Apontaremos a grande fecundidade, e belleza de Ovidio em suas Fabelas no primeiro, e segundo Livro das Metamorfofes.

Admiraremos os agradaveis, e elevados pensamentos de Horacio no primeiro Livro das suas Odes: e repetiremos o que se nos mandar da Carta aos Pizões: e finalmente de Satyras, de Elegias, de Eclogas, de Comedias, de Epigrammas, daremos exemplos Classicos.



L I S B O A  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXV.

*Com Licença da Real Meza Censoria.*

